THÁNATOS: A ARTE

Por

Luigi de Azevedo Lopes

**ATO I**

***Seattle, 1994.***

***Segunda-feira.***

***50 F°, chovendo.***

***Previsão de chuva para toda a semana.***

O riff de abertura da música "Rooster" de Alice in Chains crepita através de um rádio de carro encharcado de chuva. A linha de baixo ataca na mesma velocidade em que as gotas de chuva batem no capô do sedã que um jovem conduzia.

***"Ain't found a way to kill me yet...”***

A cidade é fria, sem emoções ou expressões alegres, apenas o som do gotejo das águas vindas da chuva entediante. Pessoas com rostos gastos, sem brilho, apenas caminhando para seus trabalhos, sem sorrisos. Apenas a vida pacata e monótona dos moradores da cidade de Seattle.

As ruas têm poças que refletem o quão aquela cidade tinha uma energia negativa que permeia a vida da população. Tudo isso era do cotidiano que fazia parte de todos, porém, ninguém ali sabia o porque as coisas eram assim, elas apenas eram.

**EDDIE WALKER**, 24 anos, detetive recém-ingressado, olhos sombreados pela falta de sono, agarra o volante com força, lábios agitados com a cantoria no seu carro. A brasa de sua energia queima forte enquanto o refrão toca:

***"Yeah, here come the rooster..."***

Eddie berra como se fosse uma pessoa desprovida de vergonha dentro daquele carro. Suas emoções atravessam sua traqueia e são transportadas para fora de sua boca com uma potência impressionante, até porque, ele nunca teve talento para cantoria.

Ali, dentro do carro, o rádio era seu refúgio. A solidão se dissolvia no volume alto, como se o som expulsasse os fantasmas do peito.

**9 minutos e 57 segundos depois…**

Eddie sente sua adrenalina começar a subir à medida que se aproximava do local. A confusão à frente era inevitável: ambulâncias, viaturas, policiais e uma multidão de curiosos já se reuniam. O cenário, como uma cena de teatro, estava armado — e ele se sente como o espectador que sabia que algo terrível acabou de acontecer no local.  
 Ele respira fundo, com o coração pulsando enlouquecidamente, Eddie fecha os olhos e tenta se tranquilizar. Após isso, Eddie pega os documentos e sai do carro. E, ao sair do carro, parece que um vento estonteante varre toda sua alegria que estava dentro daquele sedã com um pequeno rádio simples. Como se medo, angústia e agonia passassem pela mente do jovem rapaz.  
 Eddie pisa sobre a chuva fria. Cada passo pesa. Cada rosto ao redor parecia mais pálido. O cheiro de sangue e chuva misturam-se no ar, ácido e frio. A cada passo, sentia-se mais afundado num pesadelo. Ele olha ao redor, vendo o vai e vem de policiais em busca de pistas, o murmúrio das pessoas falando entre si. Cada rosto parece marcado pela dúvida, pelo medo do que estava acontecendo ali, mas apenas uma pessoa pode responder esse questionamento.  
 Eddie se aproxima mais da cena do crime, com as mãos no seu peito, como se tentasse se abraçar para se esquentar, o frio batendo em seu sobretudo, o clima de caos e as dúvidas, começam a afetar o humor de Eddie pouco a pouco, como se estivesse definhando sua energia. Uma ambulância saía enquanto ele se aproximava, mas ele não podia deixar de ver a expressão de uma paramédica, o olhar fixo e vazio, como se tivesse presenciado algo muito além do que a sua mente poderia processar.  
 E então, no meio de tudo isso, alguém passa ao seu lado. Um policial, visivelmente abalado, caminha apressado, mas com a cabeça baixa, as mãos tremendo. Seus passos estavam apressados, mas havia uma dor palpável em sua postura, como se carregasse um fardo imenso.  
 E naquele rápido e breve segundo, vendo aqueles olhos inchados e perdidos, Eddie sente um calafrio. Como se olhasse para o próprio futuro. E em meio a tudo isso que foi observado, Eddie tem uma certeza; Ele não queria estar ali.  
 O jovem respira fundo novamente, tentando entender o que acontecera ali. Ele quer perguntar, mas algo lhe dizia que não seria o momento certo. Algo estava profundamente errado. Ele segue em direção ao local, os olhos atentos a cada movimento, a cada indício de uma pista, mesmo sem saber exatamente o que procurar. O policial havia saído de cena, mas o que ele deixava para trás era mais que uma simples dor — parecia uma marca deixada para quem tivesse coragem de ver a verdade. Por algum motivo muito estranho, Eddie se identificou com o policial, porém ele não sabia explicar.  
 Eddie não tem certeza de tudo o que estava acontecendo ali, mas o que ele sente é algo pesado, algo sufocante. Ele sabe que não seria fácil, mas o que quer que estivesse por trás daquela tragédia, ele não poderia simplesmente ignorar. A verdade, mesmo dolorosa, tinha que ser trazida à luz.  
 Ele observa os policiais trabalhando, as luzes piscando ao redor, e a chuva que não dava sinal de parar. Ele está prestes a entrar naquele lugar, onde a vida e a morte se entrelaçam de uma maneira que ele ainda não entendia completamente.  
 Eddie decide tomar coragem e se aproxima da cena do crime e vê um corpo no chão, sendo levado para uma ambulância. Ao ver essa cena, Eddie tem vontade de vomitar, e ao mesmo tempo, sua ansiedade começa a aumentar rapidamente.  
 O corpo passa sendo carregado por alguns homens em direção à ambulância, coberto por uma lona preta, como uma censura ao absurdo que ocorreu no local. Ao seu lado, um policial que parece conhecer o homem morto, branda:

*-Vai com Deus, irmão!* - com um rosto de bravura, grato por ter vivido um pouco com aquele homem, porém ao mesmo tempo triste com a perda.  
 Eddie vendo essa cena, olha para uma poça de água no chão, olhando para seu próprio reflexo distorcido pelas gotas d' água caindo, com um rosto pensativo, refletindo sobre sua vida.

O jovem vira seu rosto e pergunta ao policial:

*-O que aconteceu por aqui?* - Eddie pergunta com sua voz sutilmente trêmula, pois não é muito bom com pessoas.

*-Não sabemos direito, a informação confirmada é que era do nosso grupo* - diz o policial, querendo informar o jovem.  
 Eddie tem uma expressão de surpresa. Ele foi um pouco tomado pelo medo, porque nem mesmo os policiais estão à salvo dessa. Da mesma forma, Eddie está com medo.

*-Vamos, temos trabalho aqui.* - diz um homem que chega no local em que Eddie e o policial estavam.

**Enquanto isso...**

**Em outro local...**

**CHRIS PARKER**, 40 anos, detetive experiente, rosto marcado por rugas que pareciam ter sido esculpidas pelo próprio sofrimento. Seus olhos, fundos e opacos, carregavam o peso de uma grande perda para aquele homem — como se cada lágrima derramada fosse arrancando sua força restante para suportar esse sentimento.  
 Ele chega em casa tarde, como sempre. A porta range ao se abrir, mas Chris não diz uma palavra. Sua esposa, sentada no sofá com a televisão ligada sem som, lança-lhe um olhar breve, sem expectativas. Ele não responde, nem com os olhos. Passa direto por ela como um fantasma atravessando paredes, pesado demais para ser ignorado, mas invisível o bastante para não ser detido.  
 No banheiro, Chris acende a luz amarelada e se encara no espelho. A imagem que o encarava de volta parecia de outro homem — alguém definhando, alguém consumido. Ele tira a roupa devagar, como quem desfaz camadas de uma armadura inútil, como se houvesse **um** **buraco** no traje, e entra no chuveiro sem pressa.  
 A água quente cai pesada sobre suas costas, mas não traz alívio. Chris sente o nó na garganta, e as lágrimas começam a descer, sem controle. Ele chora com a boca fechada, os ombros sacudindo em silêncio, como se quisesse esconder até mesmo da água que caía. E, no fundo da mente, uma sensação amarga **fica maior**.  
 Chris esfrega a pele com força, mas a sujeira real não era o que mais o incomodava. Era a outra — a que não saía com água quente nem com sabão. A cada gota que escorre, a memória da cena volta mais nítida, mais cruel. E **quanto mais** pensa sobre a situação, mais pesado seu peito fica, como se o vazio dentro dele se aumentasse a cada lembrança, empurrando contra as paredes do seu corpo até quase não sobrar ar.  
 Ele pega a toalha e começa a se secar, os movimentos lentos, quase automáticos. As gotas desciam de sua pele como pequenos vestígios do que já não pertencia mais a ele. E enquanto **se tira** a água do corpo, as palavras voltam, afiadas e cruéis, ecoando na cabeça como marteladas.  
 Sem muito o que fazer, Chris finalmente sai do seu banho e vai para sua cama, tentando se proteger do sentimento estonteante que aguça seu peito.  
 A cama está fria. O colchão afunda ligeiramente sob o peso de seu corpo, mas Chris não sente nenhuma diferença, nenhuma sensação de conforto. O quarto está imerso em silêncio, exceto pelo som suave da respiração ofegante que ele tenta controlar. Cada respiração parece forçada, como se ele estivesse exalando não apenas ar, mas todo o peso que havia acumulado ao longo dos anos.  
 Ele fecha os olhos, tentando se afastar da dor que o acompanha constantemente. Mas, como sempre, o sono não vem facilmente.  
 A mente de Chris vira um campo de batalha. O que ele quer é o alívio do descanso, mas o que seu corpo e sua alma estão preparados para enfrentar é o tormento de suas memórias. Ele não pode escapar delas, não pode fugir do que havia feito, do que havia sido — não sem enfrentar a verdade.  
 Ele se vira de lado, tentando se ajustar à posição, fecha os olhos, e as lembranças surgem como uma onda furiosa, puxando-o para as profundezas.  
 E, então, ele está lá. Não na cama, mas em outro lugar, em outra época. Um lugar onde o passado nunca morre.

Escuridão.

O silêncio da noite é quebrado apenas pelo som abafado de uma risada — uma risada jovem, sincera, quase esquecida no tempo. E então, como se a mente de Chris rasgasse o presente e voltasse para onde tudo era mais leve, ele está lá. Não mais em sua cama fria, mas em um banco de madeira, num fim de tarde dourado de verão.  
 Onde os pássaros cantam.  
 Onde as pessoas andam.  
 Onde o sol esquenta.

**Seattle, 1979.**

**Parque Gas Works.**

**16h41.**

Chris tem 25 anos. O cabelo castanho ainda espesso, os olhos vivos, o cigarro torto no canto da boca. Ao seu lado, rindo de algo estúpido que ele acabou de dizer, está Layne, 24 anos — mais alto, mais expressivo, sempre com alguma frase sarcástica na ponta da língua e uma mania irritante de cantar mal músicas que amava.   
 Eles dividem uma cerveja morna, roubada do frigobar do chefe da delegacia onde trabalhavam como cadetes. Ainda não eram detetives. Ainda não carregavam os pesos que viriam.  
 Ali, eram apenas dois jovens tentando entender o mundo, fazendo piada da própria miséria.   
 — Se a gente morrer antes dos quarenta… — começa Layne, cuspindo farelos de pão. — Espero que seja numa explosão.  
 Chris nem mexe o pescoço. Só vira os olhos devagar.   
 — Uma explosão? — pergunta.   
 — É. *BUM*. Nada de velório, nada de caixão. Só uma cratera no chão e a polícia tentando montar nossos pedaços como se fosse um quebra-cabeça com peças faltando. Algo... cinematográfico.

— Cinematográfico? Eu quero mesmo é morrer de ataque cardíaco durante o sexo — responde Chris, seco, sem pensar.  
 Layne gargalha alto, batendo a mão na perna.  
 — Classudo e romântico. Isso é que é morrer por amor — os dois caem na risada, jogando migalhas de pão para os patos que passavam por perto.   
 — Literalmente — acrescenta Chris, agora com um sorrisinho de canto.  
 — Mas pensa comigo... quem é que vai contar essa história depois? Tipo... quem vai estar lá pra ver a explosão e dizer: “esses caras foram embora como estrelas cadentes”? Porque, se ninguém ver, foda-se, é só mais uma tragédia. Agora, se tiver plateia... aí vira lenda.  
 Chris joga uma migalha de pão pro pato mais próximo, que ignora completamente.  
 — A gente precisa de plateia pra tudo agora?  
 — Claro que sim! — Layne abre os braços, teatral. — Você acha que a gente vive por nós mesmos? Que nada, a gente vive pra virar história de bar, meu chapa. Se ninguém contar, nunca aconteceu.  
 Chris olha pra ele como se quisesse responder com um soco leve no braço, mas só balança a cabeça.  
 — Você devia escrever essas merdas — diz Chris.  
 — Já tentei. Tudo acaba virando roteiro de filme ruim. Sempre tem um policial traumatizado e um vilão filosófico demais.  
 — A vida real é bem isso aí.  
 Layne ri de novo, mas dessa vez é um riso mais calmo. Ele observa um pato coxeando para longe, com uma asa meio torta.  
 — Sabe o que me deixa puto?  
 — Vai falar que é o sistema?  
 — Não. É que, no fundo, a gente sabe que vai morrer de um jeito idiota. Tipo escorregando no banheiro. Ou tomando um tiro por engano numa batida de carro que nem era nossa.  
 Chris pensa por um segundo. Olha o horizonte, as nuvens ficando pesadas.  
 — Bom... se for pra morrer de um jeito idiota, que pelo menos seja tentando fazer algo importante.  
 — Tipo?  
 — Tipo... impedir um crime. Salvar uma criança. Ou derrubar um maluco de cima de um prédio.  
 Layne sorri, pega um cigarro do bolso, acende.  
 — Ou derrubar a porra de um sistema podre de dentro.  
 — Aí você voltou pro roteiro ruim — diz Chris.  
 — Foda-se. É o melhor roteiro que eu tenho.  
 Os dois ficam em silêncio por um tempo, só ouvindo os sons da cidade ficando mais escuros, mais frios. Layne dá uma tragada longa, solta a fumaça com gosto.  
 — Ei, se eu morrer primeiro, você me promete que não vai deixar meu túmulo parecer com o de um fracassado?  
 — Prometo. Vou enterrar você com um charuto cubano na mão e escrever na lápide: *"Layne. Filho da puta, mas dos bons."*

Layne sorri, satisfeito.  
 — E assim, eu descanso em paz.  
 Chris cruza os braços.  
 — E você? Vai fazer o que se eu for primeiro?  
 Layne olha pro horizonte.  
 — Vou escrever um livro. Chamado "Meu melhor amigo era um pé no saco."  
 Eles riem. Riem alto, solto, do jeito que só se ri quando a vida ainda não doeu o bastante. Quando o futuro é só uma ideia vaga, e a morte parece um conceito distante, engraçado até.  
 E naquele instante, entre um pato desinteressado, um pôr do sol gasto e o cheiro de cigarro barato, Chris sente — mesmo que só por um segundo — que Layne seria eterno.  
 Layne era o tipo de amigo que invadia a sua casa sem bater, colocava uma cerveja na sua mão antes de você pedir, e fazia você rir mesmo nos piores momentos.  
 Ele tinha um jeito desajeitado de demonstrar carinho, mas estava sempre lá — seja para ajudar a esconder uma burrada ou para ficar em silêncio ao seu lado quando palavras não bastavam.   
 Em uma noite qualquer daquele mesmo verão, eles sentaram na beira de uma ponte sobre o Lago Union. Estavam cansados do plantão, sujos, famintos, mas com uma garrafa de bourbon barato nas mãos.

— Você acha que a gente vai durar aqui? — pergunta Chris.   
 — Em Seattle? Ou na polícia?   
 — Nos dois.   
 Layne pensa por um momento e dá um gole longo.   
 — Eu acho que a gente vai durar um no outro.   
 Silêncio. Só o som da água batendo nas estruturas de metal. Aquilo ficou marcado.   
 Porque ele estava certo.   
 — Ei, seu desgraçado! Vamos no Valvet’s Bar.  
 Layne abre um sorriso no canto de sua face.  
 — Fechô, seu maldito.

**22h11.**

Um bar velho, sujo o suficiente para ter charme. Luzes avermelhadas, uma jukebox toca *The Doors* baixo demais pra incomodar. Layne e Chris estão na mesma mesa há mais de duas horas. Cervejas vazias se acumulam como provas de um crime. Chris está jogando casca de amendoim num copo, errando todas.  
 Layne olha pro balcão e assobia.  
 — Ei, Red! Mais duas!  
 A garçonete, ruiva, sem paciência e com uma tatuagem de morcego no pescoço, apenas levanta o dedo do meio. Eles riem.  
 — Você vai casar com essa mulher ainda — diz Chris.  
 — Casar, não. Talvez ser assassinado por ela. Mas com estilo — Layne sorri. — Imagina só: “Homem morre esfaqueado com o próprio canivete. Suspeita usava coturno e batom vinho escuro.”  
 Chris olha de canto, dando um gole na cerveja.  
 — E aí ela escreve um livro depois. “Como matei o idiota que amei”.  
 — *Best-seller*. Vai passar o seu livro sobre mim rapidinho.  
 — Duvido. O título do meu vai ser “Manual de Sobrevivência a um Amigo Disfuncional”. Vai ter até ilustração.  
 Layne faz um brinde imaginário.  
 — Ao disfuncionalismo.  
 — Ao caos funcional — responde Chris, brindando de volta.  
 Na saída do bar, Chris encosta na parede de tijolos úmidos. Ele tira um maço amassado de cigarros do bolso do casaco.  
 Layne cambaleando de leve, aponta pro maço com a confiança de quem acha que é sóbrio.  
 — Me dá um - diz Layne.  
 — É o último.  
 — Então me dá metade.  
 — Como assim metade? - Chris levanta o tom de voz.  
 — Acende, dá duas tragadas e depois me passa. Amizade é isso, porra.  
 — Amizade é dividir comida. Cigarro é... cigarro é ritual.  
 — Então faz o ritual logo, padre.  
 Chris revira os olhos, coloca o cigarro na boca, acende com o isqueiro de metal que já viu dias melhores — CLIC — mas nada acontece. De novo. CLIC. Nada.  
 Ele balança o isqueiro como quem ameaça a alma dele. Finalmente, CLIC — uma labareda minúscula acende o cigarro.  
 Ele acende o cigarro, traga, e quando vai passar pro Layne... o cigarro descola do filtro e cai na calçada molhada. *PSSSSCHHHH*.

Silêncio.

Layne olha pro chão como quem perdeu um cachorro.  
 — Caralho, mano... ele morreu tão jovem. - diz Layne com uma tristeza engraçada.

— Enterra, vai que volta! - retruca Chris em tom irônico.

Layne levanta os braços pro céu.  
 — DEUS, É ISSO QUE VOCÊ CHAMA DE IRONIA?  
 Chris tira outro cigarro do bolso — *o penúltimo* — e entrega pro Layne.  
 Layne acende com a labareda que agora funciona de primeira, dá uma tragada longa, fecha os olhos e solta a fumaça como se tivesse recebido o perdão de todos os pecados do mundo.  
 — Sabe, às vezes eu penso... — Layne diz, com a voz mais baixa agora. — ...se a gente não tá só ocupando espaço. Tipo... figurantes na nossa própria história.  
 Chris senta devagar na calçada.  
 — Tem dia que eu sinto que tô andando de costas. Tipo... eu tô indo, mas não sei de onde vim nem pra onde tô indo. Só sei que não quero cair.  
 Layne para. Olha pro amigo.  
 — Você já caiu?  
 — Já. — Chris traga fundo. — E você tava lá pra me levantar.  
 — Então se eu cair, você me levanta?  
 — Só se você não tiver muito pesado.  
 Layne ri. Mas o sorriso morre mais rápido que antes.  
 — Cara... eu tenho sonhado com minha própria morte.  
 Chris vira de lado. Fita ele por um tempo.  
 — Tipo... como?  
 — Vários jeitos. Às vezes num beco. Às vezes em casa, sozinho, sangrando devagar. Mas em todos, eu tô com medo.  
 — Todo mundo tem medo.  
 — Não você.  
 Chris pausa. Joga o cigarro fora.  
 — Eu só disfarço melhor.  
 Silêncio. Só o som da cidade. A noite avança como um predador.  
 — Eu não quero morrer anônimo, Chris — diz Layne, com um tom que não era brincadeira. — Nem esquecido. Nem como estatística. Quero deixar alguma porra de marca. Nem que seja uma mancha.  
 Chris encara ele por um segundo. Depois diz:  
 — Então deixa comigo. Se você morrer primeiro, eu pinto seu nome na parede de cada maldito beco dessa cidade.  
 Layne sorri, dessa vez com algo entre orgulho e tristeza.  
 — E se for o contrário?  
 — Aí você faz o mesmo. E escreve: “Aqui morreu o último bom filho da puta”.  
 Eles se encaram. Um aperto de mão, rápido, mas cheio de verdade. A amizade dos dois é como aço enferrujado: imperfeita, mas inquebrável.

**3 dias depois...**

O apartamento é pequeno, mas arrumado. Discos espalhados, livros empilhados, uma guitarra encostada num canto. Layne prepara dois cafés. Chris está no sofá folheando um caderno velho cheio de anotações do amigo.  
 — “Teoria do caos emocional”... que porra é isso aqui?  
 — Ah, isso? Minha tentativa de transformar minha instabilidade em ciência.  
 — Cara, você devia cobrar por essas frases.  
 — Já cobro. Chama terapia.  
 Chris ri.  
 — Então me passa o contato. Tô precisando.  
 Layne entrega uma caneca de café, e os dois ficam olhando pela janela. Lá fora, Seattle vai ficando mais cinza conforme o dia morre.  
 — Você já sentiu que a cidade quer te engolir? — pergunta Layne.  
 — Todo dia. Mas aí eu lembro: eu sou o osso atravessado na garganta dela.  
 Eles brindam com as canecas.  
 — A nós — diz Layne.  
 — Aos malditos — responde Chris.  
 A imagem de Layne no sonho de Chris se manifesta. O som distante da chuva no lado de fora vai ganhando forma, misturando-se ao murmúrio da cidade que desperta.  
 Do outro lado da cidade, Eddie ajusta a lanterna no bolso do casaco, o olhar atento à cena diante dele. A chuva fina molha seu capuz, o ar frio da manhã carregando o peso da noite que acabou de passar.   
 A sirene distante se mistura ao som da chuva, enquanto Eddie respira fundo, pronto para começar os trabalhos.

**ATO II**

O beco era estreito, como se Seattle tivesse esquecido de dar espaço entre os prédios. Um buraco entre concreto, musgo e silêncio. Quieto demais para um lugar que acabou de engolir alguém.  
 Oficiais colocam a fita de isolamento — aquelas faixas amarelas e pretensiosas que tentam, em vão, censurar o que aconteceu ali. Como se esconder o horror bastasse para fazê-lo desaparecer.  
 O local parece um palco mal montado: a luz tremeluzente de um poste, um carro com a porta aberta, um tênis perdido no meio-fio. E sangue. Escorrido, coagulado, como tinta seca num quadro esquecido.

Eddie observa tudo em silêncio. Ele veste um sobretudo cinza herdado do pai. Os sapatos estão sujos de chuva, mas ele parece alheio a isso.  
 Do porta-malas do carro da polícia, ele retira um bloco de anotações, luvas, uma lanterna pequena e uma câmera descartável. Nada sofisticado. Ferramentas de um homem tentando entender o inexplicável.  
 Enquanto calça as luvas, uma voz irônica surge por trás. Oficial Martin, um homem aparentando mais de 50 anos, olhos fundos e barba mal feita, segura um copo de café como quem segura o último traço de humanidade.  
 — Você é o novato do Parker, né?  
 — Depende. Isso é bom ou ruim? — Eddie responde.  
 Martin dá um meio sorriso. Um gole no café.  
 — Se você tá perguntando, é porque ainda tem esperança. Vai passar.  
 Eddie não responde. Fecha a lanterna, liga. A luz rasga a parede molhada do beco.  
 — O que a gente tem?  
 Martin dá de ombros, como se aquilo fosse só mais uma terça-feira.  
 — Um corpo. Um tiro. Um beco. Ninguém viu nada. Ninguém ouviu nada. Milagre moderno.  
 — Não tem câmera por perto?  
 — Aqui? — Martin ri sem humor. — Esse lugar mal tem lâmpada. O beco é cego. Igual todo mundo nessa cidade.  
 Eddie se agacha perto da poça escura que já foi sangue.  
 — Foi uma execução.  
 — Por que diz isso? — pergunta Martin com curiosidade sincera.  
 — Pela precisão. Um tiro só. Nenhuma luta. Nenhuma hesitação.  
 Martin o observa. Coça a barba.  
 — Ou foi alguém que ele conhecia.  
 — Acha que foi pessoal?  
 — Não sei. Acho que tudo é pessoal. A diferença é que às vezes a gente finge que não é.  
 Eddie acende a lanterna de novo. Passa pelo contorno do carro. Vê algo na parede — uma marca, talvez de mão, talvez só sujeira.  
 Martin ergue a sobrancelha.  
 — Você tem talento pra esse tipo de coisa, sabia?  
 — Que tipo de coisa?  
 — Ver o pior das pessoas e transformar em teoria.  
 — Não é teoria. É tentativa.  
 Martin dá outro gole, já morno.  
 — Bom. Tenta rápido. Daqui a pouco vem o legista, a imprensa e os parasitas. — Martin vira de costas. — Depois disso, tudo vira ruído.  
 Eddie não entende muito bem essa interação com Martin. Pareceu provocação. Ou talvez fosse só o jeito dele.

— Quantos desses você já viu?  
 Martin pensa. Demora a responder.  
 — Muitos. Mas nenhum que me deixasse com essa sensação.  
 — Qual? — Eddie pergunta, como se tivesse uma pulga atrás da orelha.  
 Martin olha em volta. Se aproxima, inclina o tronco em direção a Eddie e sussurra:  
 — De que isso é só o começo.  
 Silêncio. Só o som da fita balançando no vento, como se também quisesse sair dali.  
 Martin se afasta e vai até uma rodinha de oficiais, aparentemente discutindo o caso.  
 Eddie observa devagar. O frio se prende aos ossos, e por um momento, ele sente o silêncio pesar mais que o sangue no chão. A fita amarela continua dançando no vento, zombando do caso. Da vida.  
 Ele caminha até a parede onde notou a marca. Aproxima a lanterna. A luz revela uma mancha escura — algo entre ferrugem e sujeira, ou talvez o rastro de uma mão tentando se apoiar antes de cair. Ele tira uma foto. A câmera descartável faz o click seco de uma tecnologia ultrapassada tentando capturar a morte.  
 Mais adiante, perto da traseira do carro com a porta aberta, algo reluz. Uma cápsula de munição. Eddie se agacha de novo, calmo, metódico. Usa a ponta da caneta para virá-la. Sem digitais visíveis, mas há uma gravação minúscula na lateral: um símbolo. Ele o reconhece vagamente, mas não consegue identificar. Ainda.  
 Ele fotografa. Anota no bloco:

*“Cápsula de munição. Símbolo não identificado. Aparentemente, é personalizada. Pode ter sido feita à mão, ou, pode ser só da fabricação.”*

Levanta o olhar e varre o perímetro com a lanterna. Nada parece fora do lugar — e esse é o problema. Um crime assim deveria deixar um rastro, um grito. Mas ali tudo parece... limpo demais.  
 Ao fundo, dois oficiais conversam baixinho, como se tivessem medo de incomodar os mortos.  
 Eddie sente o cansaço bater. O cheiro de ferrugem no ar, o cansaço no corpo. E o desejo por um café.  
 Ele deixa seus materiais sobre uma lixeira onde não pegaria chuva e caminha até os dois oficiais.

— Com licença, senhores, eu posso saber onde arranjo um café? — pergunta, sem querer atrapalhar.  
 — Você é o novato? — diz um dos oficiais, braços cruzados, postura ereta.  
 — Sim, Eddie Walker, investigador novo no plantão.  
 — Novato, se quiser café, vá até o outro lado do perímetro — responde o oficial, apontando.  
 — Obrigado! — diz Eddie, surpreso pela cordialidade.  
 Ele caminha no mesmo ritmo em que a chuva cai nas poças d’água das ruas frias de Seattle. Cabeça baixa. Passo após passo. Mas algo o faz levantar o olhar ao se aproximar do final do beco.  
 Um borrão na visão. Um detalhe no muro. Ele vira a cabeça, atento.  
 Perto da extremidade do beco, encontra outra cápsula de munição. Diferente da anterior. Algo no formato. No peso. No silêncio em volta.  
 Ele se agacha, analisa. Café esquecido.  
 Volta rapidamente onde deixou os materiais. Pega o caderno, a lanterna, a câmera. Fotografa. Anota.  
 A cápsula parece de outra arma. Sem marcas, sem sangue. Apenas o metal frio e uma ausência inquietante.  
 Eddie fecha os olhos por um segundo. Respira fundo. O cheiro de ferro ainda ali, como se grudado na pele.  
 Passos atrás dele. Martin.  
 — Achou alguma coisa? — pergunta com aquela voz que já parece saber a resposta, mas pergunta mesmo assim.  
 Eddie se levanta devagar. Mostra o que coletou.  
 Martin encara a cápsula por um instante. O meio sorriso sumiu.  
 Eddie entrega a cápsula a Martin. O oficial gira o projétil entre os dedos como se já tivesse feito isso mil vezes antes.  
 — Diferente da primeira, hein? — comenta Martin, devolvendo. — Dois calibres diferentes. Dois atiradores, talvez?  
 Eddie hesita. Olha de novo para o beco, depois para o céu. Chuva fina, o tipo que não limpa nada, só espalha a sujeira.  
 — Ou alguém quis que parecesse isso.  
 Martin ergue uma sobrancelha. Pela primeira vez, parece surpreso.  
 — Teoria ousada pra quem ainda nem pegou o café.  
 Eddie ignora. Aponta com a lanterna para um ponto mais ao fundo, onde o beco se afunila. Há algo no chão. Um pequeno objeto metálico, sujo de barro.  
 Ele se aproxima com cuidado. Se ajoelha. Uma corrente — de metal prateado, fina, quebrada. Um pingente pendurado ainda segura um fragmento de vidro rachado. Não parece ter valor, mas há algo nela... um detalhe gravado no verso, quase apagado: as letras “L.W.”

Eddie fotografa, anota. Escreve no bloco:

*“Corrente de pescoço. Pingente com iniciais "L.W."  
Vidro rachado. Possível objeto de valor emocional.”*

Indício de que a vítima ajoelhou — ou foi forçada a ajoelhar.  
 Martin se aproxima devagar, observa o colar por cima do ombro de Eddie.  
 — Tem gente que carrega a própria lápide no peito e nem sabe.

Eddie se cala. O silêncio do beco começa a incomodá-lo, como se houvesse algo assistindo tudo, escondido entre as sombras e os tijolos molhados.  
 Ele dá mais alguns passos. A luz da lanterna encontra uma marca de joelho na lama — discreta, quase apagada pela água da chuva. Mas está ali. E ao lado, a marca de um sapato... diferente do primeiro padrão de sola.  
 Dois pares. Um estático, firme. O outro... ajoelhado.  
 Eddie registra. O sangue, a cápsula, o colar. É um ritual. Frio. Intencional. Não foi um crime impulsivo. Foi uma execução. Quase... íntima.  
 Ele fotografa as marcas, e ao se levantar, algo o faz parar. Uma sensação — estranha, incômoda, como se já tivesse estado ali antes. Ou talvez, como se a cena ecoasse algo que ele nunca viveu, mas já sonhou.  
 Martin percebe a mudança no rosto do novato.  
 — O que foi?  
 Eddie demora a responder.  
 — Eu não sei. Mas esse beco… tem algo errado com ele. Como se a gente estivesse atrasado. Como se o verdadeiro crime tivesse acontecido antes da gente chegar.  
 Martin o encara por um momento mais longo do que o necessário. Depois, apenas dá meia-volta.  
 — Novato… se for seguir esse instinto, guarda bem isso aí. Uma hora ou outra, vai ser a única coisa te guiando.  
 Eddie volta o olhar para o colar. As iniciais gravadas. A cápsula. As marcas. O vazio. Tudo parece contar uma história que ninguém quer ouvir. Ainda.  
 — Todos morrem em silêncio. A gritaria é nossa. Aprende enquanto você ainda é novo. - exclama Martin, como se fosse o melhor conselheiro que passara na vida de Eddie.Horas depois, a perícia recolheu os últimos vestígios. A fita amarela balança preguiçosa no vento. O sangue seco já não escandaliza ninguém.  
 Eddie guarda sua câmera descartável no bolso do sobretudo. O frio lhe sobe pelas costas como um aviso. Observa o beco por mais alguns segundos. Quase como se se desculpasse com ele. Como se dissesse: Desculpe não entender nada ainda.

Martin aparece ao longe, encostado no carro, já com outro café na mão. Levanta a cabeça e grita:  
 — Vai dormir, novato. A merda ainda vai estar aqui amanhã. E, se não estiver... é porque espalharam.  
 Eddie força um sorriso fraco, acena com a cabeça. Volta ao carro. Gira a chave. O motor tosse. Liga. A chuva engrossa de leve, como se a cidade estivesse fechando os olhos. E a noite cai.  
 Do porta-luvas, ele puxa um velho DVD pirata que guarda com certo carinho. “Soundgarden — Superunknown.” Insere o disco no leitor adaptado ao rádio. Um chiado breve. Aperta “play”. A tela azul pisca.  
 E então o riff inicial de *“4th of July”* rasga o silêncio.  
 Pesado. Grave. Denso.  
 Como se cada corda estivesse mergulhada em piche. É um som que não só se ouve — ele pesa no ar. Um som arrastado, quase ritualístico. Como o ronco de uma máquina antiga que se recusa a morrer.  
 A cidade do lado de fora parece reagir. O som atravessa o para-brisa, ecoa entre os prédios, escorre pela sarjeta. O motor do carro ronrona como se estivesse entorpecido.  
 E então, a voz arrastada de Chris Cornell começa a preencher o carro.

***“Shower in the dark day, clean sparks diving down”***

As ruas escuras de Seattle se banham e se limpam de sua sujeira moral. O calor que nunca esquenta, o frio que congela.

***“Cool in the waterway where the baptized drown”***

Eddie dirige devagar. Cada esquina parece contar a mesma história: portas fechadas, postes falhando, vozes abafadas em apartamentos de janelas opacas. A cidade dorme com um olho aberto — e esse olho está cansado.

***“Naked in the cold sun, breathing life like fire”***

***“I thought I was the only one, but that was just a lie”***

O som se mistura ao zumbido da cidade. A música fala de contradições: batismo e afogamento, calor e frio, mentira e solidão. Eddie ouve tudo isso sem pensar — ou talvez pensando demais. A cidade parece ressoar a mesma letra, verso por verso.

***“'Cause I heard it in the wind”***

A chuva escorre pelo vidro como se tivesse pressa. O som grave continua a preencher o carro, enquanto Eddie passa por uma rua deserta.

***“And I saw it in the sky”***

Uma bicicleta caída, abandonada na calçada. Um gato fugindo para dentro de um bueiro. Um casal discutindo sob um guarda-chuva furado. Pequenos detalhes que ninguém veria — mas que Eddie absorve como quem coleciona fragmentos do que resta.  
 O mundo parece lento. A música, mais lenta ainda.  
 Ele encosta na porta do prédio onde mora. Desliga o motor. A guitarra morre junto. Por um segundo, tudo é silêncio. Mas um silêncio que pulsa.

***“And I thought it was the end”***

Eddie permanece sentado por alguns instantes, com os olhos fixos no para-brisa. Lá fora, a cidade respira como se tivesse sonhado algo ruim. Lá dentro, ele sente que algo o espera — talvez uma verdade, talvez só o vazio.  
 Ele fecha os olhos. E Seattle continua a chover.

***“I thought it was the 4th of July”***

Eddie abre a porta do carro lentamente e sente o frio amargo, a chuva melancólica e a noite escura ensurdecedora que estavam do lado de fora do carro que ele dirigia. O ar gelado invade como uma lembrança não convidada, colando na pele, nos ossos, no pensamento. Cada gota que toca o chão soa como um eco distante de algo que ele não entende — ainda. Ele respira bem fundo, mas o ar parece pesado demais para ser apenas ar. Olha para o prédio à sua frente, mas por um momento hesita, como se subir aquelas escadas fosse um esforço maior do que todo o dia que teve.  
 E então, após o pior dia da vida de alguns e o melhor dia da vida de outros, a noite de segunda-feira em Seattle morre, finalmente.

**ATO III**

***Lake Union, 1989.***

***Sábado.***

***18h12.***

A janela embaçada reflete o rosto de Chris Parker, enquanto ele termina de abotoar a camisa escura diante do espelho. As luzes amareladas do abajur fazem seu rosto parecer mais cansado do que ele gostaria de admitir.  
 Ele ajeita a gola, prende a gravata de maneira meio displicente, como quem já sabe que vai tirá-la em menos de duas horas. Um cigarro aceso repousa no cinzeiro, queimando devagar, sem pressa, como a cidade lá fora.  
 Do quarto, ele escuta a buzina curta e impaciente de um carro.  
 Chris dá uma última olhada no espelho.  
 Não gosta do que vê, mas já aprendeu a conviver com aquilo.  
 Pega o paletó pendurado na cadeira, apaga o cigarro com um estalo de dedos, e sai pela porta.  
 Ele olha em direção à rua e vê uma caricatura.  
 — É você, seu desgraçado. — exclama Chris com um sorriso no rosto, feliz em ver seu melhor amigo.  
 — A princesinha já se arrumou? — diz Layne com todo aquele seu humor infantil.  
 — Vai pro inferno — responde Chris que gosta da criatividade de Layne com piadas.  
 O rádio toca **Talking Heads** baixo demais pra distrair, mas alto o suficiente pra não deixar o silêncio reinar. Layne Williams, dirige com o braço pendurado pela janela, os óculos escuros ainda no rosto apesar do sol já estar caindo.  
 Chris entra, joga o paletó no banco de trás, afivela o cinto como se fosse um cativeiro.  
 — Tá com cara de quem vai pra um velório elegante. — diz Layne com seu tom sarcástico.  
 Chris, sério, ajusta o cinto de segurança.  
 — A sua família tem esse efeito em mim.  
 — Ah, vai se foder. A tia Emma te adora. E minha mãe acha que você devia ter casado comigo.  
 — Seria o casamento mais silencioso da história. Dois noivos, um voto: não falar de sentimentos.  
 — Fala isso, mas você ficaria lindo em um vestido branco. Olheira fresca. Uma vibe "viúva precoce".  
 — E você seria o noivo que chega atrasado porque esqueceu que era o próprio casamento. — diz Chris com um sorrisinho no canto do seu rosto.  
 — Chegaria com flores roubadas de um túmulo. — Layne pausa e batuca no volante. — E ainda faria discurso. Em latim. Só pra impressionar tua mãe.  
 — Minha mãe ia pensar que você tá endemoniado.  
 — Provavelmente. Mas aí eu olharia bem nos olhos dela e diria: “Sou só um cara tentando amar o filho dela decentemente”. — diz Layne com uma cara engraçada.  
 — Você precisa urgentemente transar ou escrever um livro. Essa energia tá vazando. — interrompe Chris, querendo sair desse assunto.

— Posso fazer os dois. Ao mesmo tempo. Capítulo um: “Gemidos e Gramática”.  
 — Você é um acidente linguístico, Layne.  
 — Melhor do que ser um silêncio funcional. — Layne olha de canto — Você devia tentar terapia. Ou sexo casual. Ou dar uma porra de um abraço em alguém de vez em quando.  
 — Me deixa com o meu café preto e minhas investigações. Tô ótimo assim.  
 — Tá. Mas se um dia você se matar, eu quero que saiba que vou invadir teu funeral, roubar o caixão e te enterrar com um livro meu dentro da boca.  
 — Que tipo de livro? — pergunta Chris curioso pela resposta.  
 — Poemas. Eróticos. Em verso livre.  
 — Eu juro por Deus, Layne…  
 — *“Teu corpo é o crime, tua boca é a cela…”  
 —* EU VOU ABRIR ESSA PORTA E PULAR DESSA MERDA DE CARRO, SEU FILHO DA PUTA.  
 Layne morrendo de rir.  
 — Calma, docinho. Chegamos.  
 O carro estaciona. Silêncio por um segundo enquanto ambos encaram a casa.  
 Layne mais calmo, de repente.  
 — Falando sério agora... obrigado por vir.  
 — Cala a boca antes que eu me arrependa.  
 — Já tô calando. Só queria dizer… Que se minha mãe te pedir pra lavar a louça, diz que tem uma condição médica. Tipo… alergia a cerâmica.  
 Chris respira fundo.   
 — Se eu sobreviver a esse jantar, você me deve um charuto e uma dose de bourbon.  
 — Fechou. E se eu morrer, quero ser cremado com meu vinil do Tom Waits.  
 — E eu quero silêncio. Vamos.  
 O carro estaciona de leve em frente à casa térrea com varanda antiga, luzes amareladas e pintura desgastada. A chuva fina dá um brilho melancólico ao jardim mal cuidado.  
 Layne encara a porta.  
 — Parece menor, né? Toda vez que eu volto aqui, ela encolhe.  
 — Ou você que cresceu. Em ego, no caso.  
 — Pode ser. Meu ego tá tentando pagar aluguel em dois quartos da memória.  
 Chris pega o paletó no banco de trás.  
 — Pronto pra sessão nostalgia e feijão mal temperado?  
 — Fala assim do feijão da minha mãe e eu deixo você com a Tia Emma a noite inteira. E ela ainda vai te mostrar as fotos de quando eu usava franja.  
 — Isso seria tortura reconhecida pela ONU.  
 — Exato. Agora respira fundo e coloca a tua cara de sociável de mentira.

Os dois entram na casa e cumprimentam todos: Emma, tia de Layne. Lucy, mãe de Layne. James, tio de Layne. Elliot, pai de Layne.  
 A sala tem cheiro de coisa antiga: móveis de madeira escura, um relógio de parede que atrasa quinze minutos, e uma toalha de mesa floral que já viu guerras. A comida já está posta: lasanha, feijão, arroz, salada com maionese, macarrão, e vinho tinto barato. Chris e Layne sentam-se na mesa, juntamente a todos.  
 Layne se serve, sem cerimônia.  
 Chris serve-se logo depois.  
 Layne começa a degustar e solta um comentário com a boca cheia.  
 — Hm... esse macarrão tá com gosto de infância ou de micro-ondas?  
 — Eu fiz do jeito que você gosta, seu ingrato. - responde Lucy.  
 — Então é infância mesmo — brinca Layne.  
 Todos riem. Até Chris esboça um sorriso contido.  
 — Você continua falando como se tivesse 17 anos, Layne - diz a tia Emma.  
 — Porque parar de falar besteira é o primeiro sintoma da velhice, tia Emma.  
 James erguendo o copo exclama.  
 — Amém. Velhice é quando o jantar vira só comida, não conversa.  
 — Se for por conversa, esse jantar já tá salvo. — diz Chris sorridente.  
 Layne manobra o garfo em suas mãos e joga um assunto em pauta.  
 — Ah, falei com meu irmão esses dias. Ele finalmente se mudou pra cá.  
 Chris levanta os olhos do prato.  
 — Sério? Ele tava onde mesmo?  
 — Sacramento. Agora tá tentando recomeçar por aqui. Sabe como é…  
 Corta um pedaço da carne, mastiga devagar.  
 — O cara sempre teve esse jeito meio... esquisito. Mas é sangue, né?  
 Lucy ereta na cadeira pergunta.  
 — Esquisito como?  
 Layne sorri e dá de ombros.  
 — Sei lá. Sempre pareceu meio deslocado. Meio… fora do tempo. Mas agora tá dizendo que vai “terminar o que começou”. Vai ver, é um romance.  
 Risos na mesa.  
 — O que ele faz mesmo? — pergunta Chris.  
 — Faz? — Layne pensa um pouco — Hm. Tenta, né.  
 Layne bate o garfo no prato, pensativo.  
 — Escritor. Pintor. Escultor. Fotógrafo, às vezes. Sei lá. Artista. Daqueles que ainda acham que vão mudar o mundo com tinta e tragédia.  
 — O Ted sempre teve esse olhar de quem via o mundo em câmera lenta. Meio... alto demais pra escutar o resto. — destaca James.  
 — Ele era tão quietinho quando criança. Lembram da vez que ele cortou os próprios cabelos e colou na parede dizendo que era “performance”? — ressalta Emma.

Chris curioso sobre, pergunta.  
 — E ele é bom?  
 Layne pausa e ri.  
 — Cara… ele escreve como quem tá tentando impressionar Freud e Bukowski ao mesmo tempo. O que, claro, é um desastre.  
 Todos riem, menos Lucy.  
 — Ele é sensível. Sempre foi. Só não tem... prática com o mundo. — Lucy tenta defender.  
 — Ele não tem prática nem com uma chaleira, mãe. Vive queimando a mão tentando fazer chá.  
 — Sensível demais e o mundo te devora. Frio demais e você vira ele. — diz Elliot com firmeza.  
 Todos silenciam por um momento. Chris olha para Elliot com respeito inesperado.  
 — Vocês dois sempre foram tão diferentes. — diz a mãe de Layne.   
 — Porque eu aprendi a rir de mim mesmo. O Ted ainda acha que é uma espécie de gênio incompreendido. E quando o mundo não entende... ele culpa o mundo.  
 — E o que ele veio fazer aqui exatamente? - pergunta Chris.  
 — Disse que precisava recomeçar. Que Seattle era... “mais alinhada com a alma dele”. Palavras dele. — responde Layne  
 Emma se intromete.  
 — Ele falou isso mesmo?  
 — Sim, disse também que iria trabalhar na sua obra. Tomara que dessa vez ele acerte.  
 — Obra? Tipo livro? — pergunta Chris.  
 — Ele nunca especifica. Só diz “a obra”. Pode ser um livro, uma pintura, uma banana estúpida colada com uma fita em uma parede.  
 Lucy sorri, mas seu sorriso é frágil.  
 — Talvez ele só precise de tempo.  
 — O problema é que ele não quer tempo. Ele quer ser eterno. E sem crítica. — responde Layne.  
 — E eu queria ser eterno com menos dor nas costas! — exclama James.  
 — E eu com menos louça — acrescenta Emma também.  
 Risos leves voltam à mesa. A tensão se dissolve um pouco naquela mesa de madeira, como um nó afrouxado se desformando.  
 — Bom… eu quero só mais uma taça. — exclama Chris.  
 Layne estica o braço e enche o copo de Chris sem hesitar.  
 — E é por isso que você é meu convidado favorito, seu panaca.  
 Chris e Layne caminham até o carro sob a garoa fina. A rua está vazia, o som abafado pelos pingos no capô dos carros. Layne gira a chave com um gesto automático. O rádio liga sozinho em alguma estação ruim — música country mal gravada.  
 — Isso tava aqui quando eu comprei o carro. Achei que era tipo um feitiço reverso — Layne troca de estação, nada melhora — Continua sendo uma maldição.  
 — Isso ou você tá tentando me afastar com gosto musical.  
 — Meu plano é te preparar psicologicamente pro inferno. Lá só toca country gospel — diz Layne, sorridente.  
 — Ótimo. Eu vou abrir uma cafeteria lá e chamar de “Café e Castigo” — idealiza Chris.  
 — Só se for servindo café ruim e culpa quente.  
 Ambos riem. Layne liga o motor e começa a dirigir.  
 — Você acha que exagerou com o Ted? — pergunta Chris.  
 Layne pensativo.  
 — Talvez. Mas exagerar é o meu jeito de amar — Layne pausa — Você viu a cara da minha mãe quando falei da banana?  
 — Ela ficou entre o riso e o pedido de exorcismo.  
 — Perfeito. Significa que fui equilibrado. — ironiza Layne.  
 Um silêncio confortável se instala. A cidade passa lenta pela janela. As luzes refletem no para-brisa como pequenos fantasmas urbanos.  
 — Sabe… - Chris interrompe o silêncio — A lasanha tava boa.  
 — Eu sei. Fiquei surpreso também.  
 Os dois riem, simples, como quem segura o mundo por mais um dia.  
 — Vai deixar eu dirigir da próxima vez? — pergunta Chris.  
 — Só se eu estiver morto ou profundamente apaixonado.  
 — Bom, com seu histórico emocional, acho que só morto mesmo.  
 Layne sorri olhando para frente.   
 — Então aproveita a carona, parceiro.  
 Layne deixa Chris em sua casa novamente.

**ATO IV**

***Seattle, 1994.***

***Terça-feira.***

***49 F°, chovendo bastante.***

***6h26.***

Por um segundo, não se lembra de nada — apenas o silêncio, a luz pálida invadindo o quarto pelas frestas da persiana, e o som persistente da chuva, como se o céu estivesse chorando no automático.

Ele não se move de imediato. O corpo está ali, mas a alma parece atrasada.  
 A respiração é lenta. O colchão está afundado sob o seu peso, e a coberta tem o cheiro antigo de noites em que o mundo ainda fazia sentido.  
 Lentamente, ele se senta na beira da cama. Passa a mão no rosto. Os dedos percorrem as rugas com a familiaridade de quem já não tenta escondê-las.  
 O quarto está escuro. E mesmo assim, parece iluminado demais.  
 Chris se levanta.  
 Os pés tocam o chão gelado como se tocassem uma memória.  
 Ele caminha até a janela. Abre as cortinas com a mesma delicadeza com que se abre uma ferida antiga.  
 Lá fora, a cidade escorre.  
 A água desce pelas calhas, pelas ruas, pelos telhados. O horizonte está cinza, pesado, e mesmo assim... é belo. De um jeito triste. Como uma carta que chega tarde demais.  
 Ele observa por longos segundos.  
 O bairro ainda dorme. Ou finge que dorme. Só um gato atravessa a rua, apressado, molhado.  
 Uma bicicleta encostada num muro pinga. Uma sacola de jornal se desmancha na calçada.  
 Chris respira fundo, fecha os olhos por um instante.  
 O mundo lá fora continua. Mas o dele...  
 O dele parece ter parado.  
 Ele abre a janela só um pouco. O ar frio invade como um tapa na cara.  
 A chuva respinga no parapeito, e uma única gota pinga direto na ponta do cigarro que ele segurava.  
 Chris nem acende. Só segura.  
 Como quem segura o que sobrou.  
 O rádio, no criado-mudo, emite um chiado baixo. Ele liga, mas o volume está no mínimo. Uma voz começa a falar algo sobre o trânsito, depois sobre a previsão de chuva até sexta.  
 Chris desliga.  
 Caminha até a cozinha. O azulejo gela os pés. Ele prepara o café sem pensar. Tudo automático. Como se fosse apenas o corpo agindo.  
 Ao fundo, uma moldura em cima da geladeira. Virada para a parede.  
 Ele não a vira.  
 O café pinga.  
 A chaleira apita.  
 O dia começa — mas Chris ainda não.  
 Ele derrama o café na caneca com a mão firme, mas os olhos... os olhos estão longe.  
 Toma o primeiro gole antes mesmo de sentir o gosto. Quente. Quase queima. Não importa.  
 Encosta na pia. O som da chuva batendo na janela parece mais alto naquela manhã.  
 Mais ritmado. Mais... pessoal.  
 Como se cada gota dissesse “acorda”.  
 Mas ele não acorda.  
 Ele encara a parede por longos segundos. Depois, caminha até a sala.  
 Há papéis espalhados pela mesa de centro. Anotações. Relatórios. Um gravador desligado.  
 Chris olha para tudo como quem observa vestígios de um sonho que não lembra ter sonhado.  
 No canto da sala, sobre uma poltrona, o casaco que ele usava no dia anterior ainda está jogado.  
 Molhado. Gelado.  
 Ele o pega com certo peso nas mãos, como se vestí-lo fosse um retorno ao mundo — mesmo que ele não queira.  
 Antes de sair, passa pela geladeira novamente. Para. Olha a moldura.  
 Não a vira.  
 Ele fecha a porta.  
 Tranca com duas voltas.  
 Desce as escadas devagar, como se o tempo estivesse com preguiça de continuar.  
 Do lado de fora, Seattle o espera com sua chuva costumeira.  
 Cinza, crua e indiferente.  
 Chris entra no carro.  
 Gira a chave.  
 A cidade não sabe — mas ele perdeu alguma coisa.  
 E ninguém parece notar.  
 Do porta-luvas ele puxa um CD, uma tralha velha do Metallica.  
 Insere o CD.  
 O som começa baixo. Um dedilhado lento, arrastado.  
 A introdução de *Fade to Black* preenche o interior do carro como uma fumaça fria.  
 O violão dedilha notas espaçadas, cada uma soando como uma gota de memória escorrendo pelo vidro.  
 Há um silêncio entre os acordes — um espaço suspenso — como se o mundo segurasse a respiração.  
 Logo em seguida, entra a guitarra, melancólica, arrastada, com um timbre que parece arranhar a alma.  
 Não é barulhenta — é como um lamento afinado.  
 O instrumental não invade. Ele se insinua, desliza pelos cantos do carro, se mistura com o ruído da chuva, e transforma o ambiente em um lugar onde tudo é lembrança.  
 Chris apenas respira. Não fala. Não pensa.  
 Deixa a música fazer por ele o que ele não consegue nomear.

***“Life it seems, will fade away…”***

O carro liga, o motor responde com uma vibração contida — quase como um suspiro cansado.  
 Ele liga os faróis. Mesmo de manhã, Seattle parece precisar de luz artificial para continuar fingindo que está viva.

***“Drifting further every day…”***

O carro desliza pelas ruas encharcadas como um corpo sem rumo num rio escuro.  
 As poças refletem luzes vermelhas e azuis — semáforos, viaturas, o rastro de vidas que seguem por obrigação.  
 Caminhões de lixo atravessam a cidade como fantasmas barulhentos de uma civilização que não sabe o que fazer com seus próprios restos.  
 Seattle tenta acordar — mas tudo nela parece exausto. Molhado. Desistindo.

***“Getting lost within myself…”***

Dentro do carro, Chris é só um vulto em silêncio.  
 As mãos firmes no volante, mas os olhos… os olhos não pertencem mais àquela manhã.  
 Eles estão em outro tempo.  
 Outra sala.  
 Outra voz.  
 Ele não canta.  
 Não se mexe.  
 Chris não está mais vivo, mas ele finge que está.   
 A música apenas respira com ele — e em certos momentos, parece que é ela quem está dirigindo.

***“Nothing matters, no one else…”***

Ele passa por um beco.  
 Daqueles onde tudo sempre começa.  
 Ou onde tudo termina.  
 É impossível saber a diferença quando se vive cercado de morte.

***“I have lost the will to live…”***

Chris olha de relance.  
 Algo pulsa ali — um eco, talvez. Uma memória que ainda não aceitou ser passado.

***“Simply nothing more to give…”***

O limpador de para-brisa arrasta as gotas da chuva como quem tenta apagar a existência.  
 Mas há marcas que nem o tempo ousa remover.  
 No retrovisor, seu próprio rosto o encara.  
 Ele parece mais velho.  
 Mais pálido.  
 Mais vazio.

***“There is nothing more for me…”***

O semáforo fica vermelho.  
 Chris para.  
 Ao lado, um velho fuma debaixo de uma marquise.  
 As cinzas do cigarro caem como pó de um tempo que não volta mais.O velho olha para o nada. E Chris também.

***“Need the end to set me free…”***

O sinal abre.  
 Mas Chris não pisa no acelerador com pressa.  
 Ele apenas permite que o carro continue.  
 Como se andar fosse uma obrigação do corpo.  
 E o resto… que espere.  
 Seattle continua cinza.  
 Mas agora o cinza parece mais espesso.  
 Quase sólido.  
 A vida também continua.  
 Mas não por escolha.

***SEATTLE POLICE DEPARTMENT – 7h42***

O carro de Chris estaciona diante da delegacia.  
 Ele permanece ali por um instante.  
 A música ainda toca, abafada, como um sussurro feito de ferro e lamento.

***“No one but me can save myself, but it’s too late…”***

Ele encara o prédio à sua frente.  
 O mesmo de sempre.  
 Mas hoje, ele parece mais alto.  
 Mais distante.  
 Como se o concreto soubesse que falta alguém.

***“Now I can’t think, think why I should even try…”***

Ele pisca devagar. Os olhos fixos na fachada.  
 Cada tijolo parece mais pesado do que ontem.  
 Ele não sabe se está pronto — mas sabe que tem que entrar.  
 Porque a dor, quando se recusa a falar, arruma um jeito de trabalhar.

***“Yesterday seems as though it never existed…”***

A mão dele toca a maçaneta da porta de entrada.  
 Gelada. Metálica. Real.  
 Ele respira fundo. Não por coragem — mas por hábito.  
 A cidade segue viva.  
 Mas dentro dele, algo já foi enterrado.

***“Death greets me warm, now I will just say goodbye…”***

Chris entra.  
 O som da chuva fica para trás.  
 Mas o peso dela continua nos ombros.  
 Fim da música.  
 Desliga o rádio.  
 Começo de um novo dia.  
 Chris atravessa a porta de entrada. O som da chuva fica do lado de fora — mas a sensação de umidade parece seguir com ele até ali.  
 A delegacia está viva, mas sonolenta.  
 Telefones tocam sem urgência. Máquinas de café chiando. Papéis empilhados sobre mesas bagunçadas.  
 Pessoas falando baixo, como se a cidade toda tivesse feito um pacto para não levantar a voz.  
 Ele caminha lentamente pelos corredores. Ninguém o impede. Ninguém o chama.  
 Mas todos o veem.  
 Olhares se desviam, discretos.  
 Um ou dois acenos silenciosos.  
 Respeito demais para quebrar o silêncio.  
 Ou medo demais de saber o que dizer.  
 Chris passa direto pela recepção.  
 À direita, vê o velho Oficial Martin, encostado na parede, café na mão, expressão de quem dormiu mal desde 1983.  
 Martin sem levantar os olhos diz.  
 — Café tá uma merda hoje. — pausa — Ou sou eu.  
 Chris não responde de imediato. Tira o paletó encharcado e o pendura no cabide próximo. — A chance de ser os dois é grande. — responde Chris.  
 Martin levanta os olhos. Um leve sorriso torto.  
 — Ainda com aquele senso de humor que parece obituário.  
 Chris apenas o encara. Sério. Exausto.  
 Martin muda o peso do corpo para a outra perna. Dá um gole no café.  
 Tenta algo mais brando.— Tá cedo. E você aqui já.  
 Chris responde de prontidão.— O mundo não para. — pausa — Nem quando devia.  
 Silêncio. Um rádio da central chia um código de trânsito.  
 Chris olha ao redor. Os mesmos rostos. A mesma luz fria.  
 Martin mais sério fala.  
 — O novato tá aí. O Walker.  
 — Quieto, meio tenso... mas esperto.— Deixaram ele pegar o caso? — Chris pergunta.— Estavam todos ocupados. E, sinceramente… — dá um gole— ninguém queria.  
 Chris balança a cabeça. Sem surpresa. Sem indignação. Apenas reconhecimento. — Onde ele tá? — Sala de arquivos. Com o maldito gravador dele. Parece jornalista de rádio dos anos 50.  
 Chris ajeita as mangas da camisa, suspira curto, e começa a caminhar pelo corredor. Martin o observa por um momento, depois volta a encarar o café como se o fundo da xícara escondesse alguma resposta.

Martin observa Chris sumir pelo corredor por alguns segundos, então larga o copo de café no balcão de ferro velho da recepção.  
 O som do copo tocando a superfície ecoa um pouco mais do que deveria.  
 Ele vai atrás.  
 A sala tem cheiro de mofo e café requentado.  
 Uma mesa metálica no centro. Duas cadeiras. Uma pasta de couro aberta com alguns papéis espalhados.  
 Chris entra primeiro. Martin fecha a porta com um empurrão leve e seco.  
 Martin estende seu braço em direção à uma cadeira naquela sala.  
 — Senta aí. Não vai doer.  
 Chris olha a cadeira como se estivesse diante de uma armadilha.  
 — Não tô com tempo pra relatório oral, Martin.  
 — Não é relatório. É convite.  
 Martin puxa a cadeira, senta-se com a calma de quem já foi negado antes.  
 — Um convite meio... forçado, admito. Mas ainda um convite — pontua Martin.  
 — Esse tom já me fode o dia antes das oito da manhã.  
 — É sobre o caso — Martin coloca a pasta sobre a mesa, calmamente.  
 — Eu já disse que não vou pegar esse caso.  
 — Ainda não te mostrei qual é.  
 — Nem precisa, eu sei que você vai falar do de ontem — Chris pausa e com mais impaciência ainda continua — eu já te conheço, você é um canalha.  
 Martin abre a pasta. Espalha fotos sobre a mesa. Manchas. Marcas. Um símbolo impresso na lateral de uma cápsula. Tudo arrumado com cuidado obsessivo.  
 — Tá tudo aqui. E não é coincidência. Isso não é só mais um homicídio.  
 — É uma assinatura.  
 — Ótimo. Então deixa pro novato. Ele deve gostar de símbolos.  
 Martin se aproxima bruscamente de Chris e fala baixo, mas com firmeza.  
 — Eu quero você com ele — aumenta o tom, falando com mais agressividade — e não há nada que você pode fazer.  
 Chris ri. Breve. Sem humor.  
 — Eu sou o último cara que deveria fazer dupla com alguém.  
 — Justamente por isso.  
 Chris o encara. Não se move. Mas há tensão em todo o seu corpo.  
 — Isso não é só mais um caso, Martin. — pausa — e você sabe disso.  
 Martin agarra firme na camisa de Chris e chacoalha-o.  
 — EU SEI. TRATE DE SE RECOMPOR, RAPAZ. VOCÊ VAI FAZER O QUE EU MANDAR.  
 Chris coloca as mãos no peito de Martin e se afasta dele.  
 — Então por que diabos tá tentando colocar especificamente eu? Por que não outro?  
 Martin respira, um pouco mais calmo e responde.  
 — Porque você já tá nisso. Queira você ou não.  
 Chris se afasta da parede. Caminha devagar pela sala, como se as palavras estivessem se formando no passo.  
 Para diante da janela. Observa a cidade.  
 — Tudo bem, mas sem o novato — tenta propor Chris.  
 — Não — responde Martin de bate-pronto.  
 — Nada feito.  
 Martin se aproxima novamente e suspira baixo próximo ao ouvido de Chris.  
 — Até quando você vai deixar de ser mesquinho e voltar a ser quem era antes?  
 Martin se afasta lentamente e deixa Chris encarar a janela novamente.  
 Sem opções de contra argumentar, Chris apenas aceita a dura verdade e pergunta.  
 — Você acha que me faz bem voltar pra isso? Que essa merda me cura?  
 — Eu não acho que cura — pausa Martin. — Mas talvez te mantenha vivo. E isso, no seu caso, estar vivo já é milagre.  
 Chris vira-se, encara Martin de novo.  
 — Eu vi aquele corpo. Eu vi a merda que ficou. — pausa. — E você quer que eu investigue... aquilo?  
 — Quero que você descubra o que mais tá por trás. Porque você é o único filho da puta aqui dentro que não precisa de legenda pra entender uma cena dessas — pontua o velho.  
 Chris mais cabisbaixo, vendo o reflexo de seu rosto e a melancólica chuva caindo na cidade, sussurra.  
 — Eu não quero ver aquilo de novo.  
 — Não vai ver aquilo. Vai ver o que levou até lá.  
 Chris volta a se encostar na parede. Silêncio pesado entre os dois. O som da chuva do lado de fora parece marcar o compasso do impasse.  
 Chris decide perguntar logo.  
 — E o Walker?  
 — É novo. Mas não é burro. Tem olhos bons. E ouve mais do que fala — o que já o coloca na frente de metade do departamento.  
 — E você acha que eu sou o quê pra ele? Mentor?  
 — Um espelho sujo — pausa. — Com sorte, ele vai enxergar o que não quer virar.  
 Chris fecha os olhos por um segundo. Respira fundo. Abre. Silêncio.  
 Martin cruza os braços, firme.  
 — Anda. Temos trabalho a fazer. — Martin incentiva — Você é bom nisso.  
 — Em quê?  
 — Em guardar o que sente como quem esconde arma em porta-luvas.  
 Silêncio. A lâmpada pisca de novo.  
 — Se eu aceitar… — começa Chris. — Eu não quero nenhum filho da puta me olhando com pena.  
 — Não vão. A maioria nem sabe o que perdeu.  
 Chris encara Martin. Um olhar longo. Quase fraterno. Quase mortal.  
 — Tá jogando sujo.  
 — Sempre joguei. Mas jogo pelo lado certo.  
 Chris sai da sala. Fecha a porta devagar.  
 Martin continua parado, olhando os papéis sobre a mesa.  
 Como se já soubesse que, mais uma vez, ele venceu.